CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO

GAZETA MERCANTIL APR 1989

"Inflação fez fortuna de muitos", diz Sarney no programa de rádio

O presidente José Sarney disse, na sexta-feira, no seu pronunciamento Conversa ao Pé do Rádio, que as dificuldades enfrentadas pelo Plano Verão não serão um obstáculo à realização das eleições deste ano, para presidente da República. "O Plano Verão foi feito sem ilusões. Sabíamos que iríamos enfrentar as mais duras resistências e mesmo sabotagens. Afinal, a inflação fez a fortuna de muita gente", afirmou. Durante o pronunciamento, o presidente não fez nenhum comentário a respeito do aniversário de 25 anos da Revolução de 31 de março de 1964, acontecido ontem. A seguir os principais pontos do pronunciamento do presidente.

Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma Conversa ao Pé do Rádio, nesta sexta-feira, dia 31 de março de 1989. Como sempre tenho feito nestas reflexões que semanalmente faço com o povo, nunca deixei de aliar o meu otimismo e a minha fé a um realismo claro de nossos problemas. A inflação, tenho sempre acentuado, não é fácil de combater nem de desaparecer. É muito difícil. Exige determinação, exige coragem, exige sacrifícios. A nossa inflação, há tanto tempo incrustada no País, criou hábitos culturais, destruiu a moeda e construiu aquilo que é a mais deformadora de todas as suas conseqüências, a correção monetária. Correção que corrige o capital mas não corrige, na mesma proporção, o salário. Este descompasso gera a crise distributivista que vivemos permanentemente.

A inflação criou, como eu tenho sempre acentuado, a mentalidade do pessimismo, do desastre. Fez com que as pessoa perdessem a noção de que dificuldades sempre existirão e que o tempo foi feito para que dele se fizesse a vida. Há uma corrida para o imediatismo, o salve-se quem puder. A moral pública se degrada e subverte as relações humanas. Por outro lado, agrava a situação dos governos estadual, municipal e federal, tornando-os impotentes para resolver problemas, prestar serviços, uma vez que deteriora o poder real de suas rendas. O Plano Verão foi feito sem ilusões. Sabíamos que iríamos enfrentar as mais duras resistências e mesmo sabotagens. Afinal, a inflação fez a fortuna de muita gente. Mas perseveraremos no caminho que traçamos. Com obstinação, que o povo não desanime nem deserte.

Não poderemos nem nos conformarmos com o Brasil, querendo resolver seus problemas pela violência, pelas greves intimidadoras, por atos de sabotagem, por ocupações de fábricas e prédios públicos, por especulação, por sonegação de gêneros, por crimes contra a economia popular. Veja-se que eu não tive um dia no meu governo em que não se procurasse colocar a administração sob pressão. É uma tática e é uma técnica. É uma ação política nefasta e destruidora, mas os que a adotaram, em lugar nenhum do mundo receberam dividendos. Foram as primeiras vítimas.

Estamos enfrentando o problema da sonegação de alguns produtos. Estamos enfrentando cada vez mais a tentativa de desarticular o jogo democrático, através da criação de um clima de instabilidade, com greves, ameaças e a volta de um certo terrorismo moral. Evidentemente este caldo não pode ser o caldo de cultura das eleições, que devem ser processadas num clima de liberdade, num clima democrático, num clima de discussão de idéias, de pontos de vista e de programas. Os que não entendeu a grandeza destas colocações são sempre os velhos demagogos que não conseguem transpor o aventureirismo personalista. Mas, com a coragem com que enfrentei tantas crises, enfrentarei mais esta e vamos vencer.

Vamos cumprir o calendário eleitoral, vamos regularizar a economia. Desejam colocar todas as culpas no governo, esquecendo que todos somos responsáveis. A verdade aparecerá. Ela sempre apareceu. Cumprimos a nossa parte, cortamos despesas e estamos trabalhando com os recursos disponíveis. Só gastamos o que arrecadamos e não colocamos títulos públicos para cobrir déficits. Enfim, continuamos a luta.

Eu tenho me esforçado, eu tenho lutado e posso mesmo dizer que não acredito que ninguém neste País, por mais adversário que seja do presidente, não reconheça que eu tenho sido um obstinado lutador. Não desertei, não desertarei e não deixarei que se esmaeça a minha fé e a minha esperança. Ainda ontem, recebi os prefeitos da Grande Belo Horizonte, do grande Estado de Minas Gerais. Relataram-me a soma de problemas com que têm de lidar: escolas, presídios, saneamento, educação, saúde, segurança, salários, recursos, empreguismo. E tive a oportunidade de dizer a eles que todos os que lidam com a administração pública no Brasil hoje sofrem. Sofrem com a realidade, com a impossibilidade de atender às necessidades prementes. Mas em vez de esmorecer e desanimar o nosso espírito por causa dessas dificuldades, devemos revigorá-lo, verificando que temos de ter mais força, mais vontade, porque, sendo maiores os problemas, terão nossas forças de serem maiores. E o povo brasileiro merece esforços e sacrifícios.

Eu já disse e tenho repetido que os profetas do caos não vencerão e que as dificuldades que o País enfrenta, e que não foram criadas pelo meu governo, serão superadas com a decisão e com a arma da democracia. O povo, porém, precisa desconfiar dos que soltam foguetes com um simples enunciado de dificuldades, que celebram as nossas dificuldades como se fossem derrotas do governo. Não. Inflação alta é contra o povo, especialmente contra os trabalhadores, e não somente contra os trabalhadores, mas também contra aqueles que não têm carteira assinada, aqueleas que não têm emprego fixo e que são mais de 50 milhões de brasileiros, são os mais pobres. Para eles, a inflação representa também muito mais.

Todo mundo sabe que o governo e o presidente estão lutando para manter a estabilidade política e econômica do Brasil. Tenho também procurado lembrar, especialmente às lideranças políticas, que o saudável processo de democratização que estamos vivendo correria risco se a desordem se instalasse no País. Se os preços enlouquecem, conseqüentemente a inflação sobe, realimenta os próprios preços, reduz o poder de compra, gera reivindicações, estabelece a competição perigosa entre preços e salários, com o prejuízo natural dos mais fracos no jogo econômico e que são justamente aqueles de quem falei. Daí à desordem social é um passo. Não será preciso conspirações, porque a desordem econômica e a desordem social geram, elas mesmas, espontaneamente, o monstro da violência, da intolerância e da tirania.

Ontem, quinta-feira, dia 30, eu participei da abertura da VI Reunião Ministerial sobre Meio Ambiente da América Latina e Caribe, que neste ano se realiza no Brasil e é promovida pelas Nações Unidas. No meu discurso, eu comecei perguntando como nós chegamos à situação atual de preocupação com a degradação da natureza, através da poluição do ar, dos solos, dos rios e dos oceanos. Quem realizou esta destruição?

Lembrei, porém, a mais trágica das poluições, a poluição da pobreza e todas as formas de explorações de que foram vítimas os povos subdesenvolvidos ao longo dos séculos, com a poluição colonial, escravizadora, desumana e cruel, porque não nos asseguram condições de livre acesso, sem custo comercial, de novas tecnologias para conservação do meio ambiente.

Não podemos é aceitar que neste debate sobre preservação ambiental mecanismos de imposição da vontade dos mais fortes sobre os mais fracos, dos mais ricos sobre os mais pobres, dos mais desenvolvidos sobre os menos avançados, sejam colocados para forçar a tomarmos decisão contra a nossa soberania. Esta é a posição do Brasil. Vamos conservar a natureza, mas vamos preservar a nossa liberdade e a nossa soberania.

Quero terminar a nossa Conversa ao Pé do Rádio, que nesta sexta-feira já está bem longa, como sempre, com uma firme palavra de otimismo e de confiança: não deixaremos que a transição democrática e essa liberdade que todos desfrutam hoje no Brasil sejam ameaçadas, nem pela politicagem, nem pela desorganização econômica.